

A cidade na/da internet: reflexões urbanas em ambientes de comunicação digital

Juliana Batista dos Reis
Universidade Federal de Minas Gerais –
email: jubtr@yahoo.com.br

O trabalho reflete sobre as relações urbanas no contexto da cibercultura, a partir da aproximação com grupos virtuais juvenis construídos em função de um pertencimento territorial. No amplo espaço de convivência da web, os ditos universos público e privado são (re)modelados, permutados, (re)construídos. O ambiente *online* entendido como esfera pública pode ser percebido como um palco em que dramas privados são encenados, expostos e publicamente assistidos (Bauman, 2001, p.83). Prontamente, alcançamos experiências no ‘público ciberespaço’ modeladas por questões coletivas e individuais que se relacionam a determinados grupos, territórios e/ou vivências pessoais. Mesmo por isso, faz-se necessário discernir que a internet não se configura como “*não-lugar*”, conceituação de Marc Augé para definir espaços que se caracterizam pela ausência de aspectos identitários, históricos e relacionais (1994, p.73). O texto problematiza o alcance da web para a presença e a (re)construção de territórios da cidade, por exemplo, através de bairros, ruas e variados lugares que norteiam a existência de comunidades virtuais, mapas e vistas panorâmicas digitais. Nesse sentido, as redes de comunicação moldam a vida e são moldadas por elas (Castells, 2007). Portanto, o artigo busca refletir sobre as desigualdades na cidade também no âmbito da comunicação digital. Em que medida o universo *online* “reflete” as diferentes construções das relações e dimensões simbólicas entre *centro(s)* e *periferia(s)*? Os ambientes de comunicação digital se configuram como espaço invisível de territorialidades onde há apagamento de distâncias geográficas e ou sociais? É possível pensar na ideia de uma *periferia na Internet* ou *periferia da Internet*? A proposta consiste em apresentar uma pesquisa etnográfica, realizada em contexto on e offline que tem como recorte uma região periférica da cidade de Belo Horizonte/Brasil, o Aglomerado da Serra. Com isso, é possível problematizar a construção de dimensões simbólicas desse território na internet e conjecturar em que medida essa referência espacial e de socialização marca as vivências de jovens na web. Ao adentrar para o universo do ciberespaço e dos ambientes de socialização *online*, são apresentados fóruns de discussão, grupos, redes sociais digitais e plataformas que fazem menção

ao Aglomerado. Em muitos desses espaços, os jovens participantes da pesquisa estão presentes. Contudo, o ciberespaço, da mesma forma que o espaço social, longe de ser um contínuo homogêneo, é territorializado e fragmentado em diferentes espaços simbólicos, constituídos e operacionalizados pelas práticas de sociabilidade que ocorrem em seu interior.

Palavras-chave: territórios, periferia, internet, ciberespaço, juventude.

*O centro do mundo está em todo lugar.
O mundo é o que se vê de onde se está*

Milton Santos

Imagem nº1: Aglomerado da Serra



Fonte: Facebook (2012) Postagem da página “Sou Aglomerado da Serra” <https://www.facebook.com/souaglomeradoserra>

A emblemática afirmação do geógrafo brasileiro Milton Santos e a frase que acompanha a imagem postada no *Facebook* se conectam intimamente. A foto do ‘Aglomerado da Serra’, uma região da periferia de Belo Horizonte/Minas Gerais/Brasil, é uma de tantas outras imagens postada em uma página criada para expor esse território nessa rede social digital. O apontamento na fotografia parece alertar para a existência de imagens negativas sobre o Aglomerado, principalmente, entre aqueles que o desconhecem. Afinal, quem “está lá” experimenta um ponto de vista “de dentro” possibilitado pelas vivências do/no lugar. Perspectiva distante dos estereótipos e/ou julgamentos, que em alguma medida, estão tão presentes no imaginário social e nos meios de comunicação de massa tradicionais¹ sobre essa região da

1 Manuel Castells (2013) define as plataformas da internet como *redes horizontais* que possibilitam a “*autocomunicação de massas*”. Tal configuração proporciona alguma autonomia dos sujeitos em relação às empresas de comunicação visto que os utilizadores se convertem em emissores e receptores de mensagens.

periferia urbana da capital mineira.

Em uma rápida exploração na internet é possível alcançar experiências do público ciberespaço modeladas por questões das vivências nas cidades, bem como as variadas desigualdades urbanas. Quem nunca pesquisou, antecipadamente, o percurso para se chegar a um lugar a ser visitado, através do *Google Maps* ou, ainda, experimentou uma “visita” digital por meio das imagens fornecidas pelo *Google Street View*? Como em um jogo de espelhos, perambular, ora pelas plataformas digitais, ora pelas ruas, pode revelar encontros e dissonâncias entre a cidade vivida e representada em contextos *online* e *off-line*. Ou seja, como um andarilho, trafegar pelo ciberespaço pode provocar uma leitura da vida urbana. Daí emergem questões que trazem novos desafios aos estudos de comunicação e sociologia/antropologia urbana, compreender o urbano, esse conjunto de forças em movimento (Lefebvre, 2001) nas cibercidades contemporâneas (Lemos, 2004). Por conseguinte, o ciberespaço pode ser tomado como ambiente propício para a observação das (re)construções de formas de socialização e sociabilidade contemporâneas entrelaçadas à web.

No amplo espaço de convivência da internet, os universos públicos e privados são remodelados, permutados, (re)construídos. O ambiente *online* entendido como esfera pública pode ser percebido como um palco em que dramas privados são encenados, publicamente expostos e assistidos (Bauman, 2001: 83). Por outro lado, o espaço público urbano, as cidades, os bairros e ruas estão não apenas digitalizados, mas marcam a sociabilidade *online*. Há uma intensa relação entre as territorialidades da cidade e o ciberespaço. Mesmo por isso, faz-se necessário discernir que a internet não se configura como “*não-lugar*”, conceituação de Marc Augé para definir espaços que se caracterizam pela ausência de aspectos identitários, históricos e relacionais (1994, p: 73). Como define Manuel Castells, os “espaços de fluxos” das redes digitais redefinem as distâncias, mas, não suprimem a geografia. O espaço dos fluxos não é deslocalizado, pois, estabelece ligações com configurações territoriais (2004: 246).

Contudo, nesse texto, a partir de uma etnografia multissituada, guio meu percurso na web e na cidade através da produção de alguns jovens moradores do Aglomerado da Serra. Busco compreensões sobre suas vivências urbanas e representações de seu espaço de moradia, do ponto de vista dos sujeitos. Afinal, desafiada pela assertiva de Michel de Certeau, caminhei por espaços urbanos na internet, rastreando lugares digitais a partir

2 Ferramenta do Google Maps que oferece imagens panorâmicas de uma grande variedade de lugares do mundo.

de mapas de jovens que me guiaram por seus “*espaços de enunciação*” sobre esse território da periferia (Certeau, 1994).

Há um tempo, uma série de trabalhos já apresenta, através de dados empíricos, a diversidade nas condições de vida dos moradores de periferia, possibilitando desmistificar e contestar caracterizações homogeneizantes. Tais produções, orientadas pelo método etnográfico, evidenciam narrativas de vida que revelam a heterogeneidade das regiões periféricas, em sentidos simbólicos e materiais. (Heilborn, 1984; Magnani, 1984; Caldeira, 1984, entre outros). Tal heterogeneidade de experiências e representações pode também ser investigada no contexto *online*.

Nesse sentido, uma série de problematizações pode vir à tona. Afinal, o universo *online* “reflete” as diferentes construções das relações e dimensões simbólicas entre *centro(s)* e *periferia(s)*? Em que medida há no mundo *virtual* distinções e limites entre o que é central e periférico? A Internet se configura como espaço invisível de territorialidades onde há apagamento de distâncias geográficas e ou sociais? Como apreender formas de sociabilidade e relações de proximidade e distância na rede mundial de computadores? Onde está a *periferia* na rede? É possível pensar na ideia de uma *periferia na Internet* ou *periferia da Internet*? Como categorias usuais da antropologia e sociologia urbana podem dialogar com a constituição do universo *online*? A *periferia real* revela-se também *periferia virtual*?

1. Um território *periférico* e suas interfaces na rede

Anteriormente à pesquisa não tinha qualquer familiaridade com o Aglomerado da Serra e tendo como temática central as vivências juvenis na internet, busquei informações sobre o lugar na web. Mesmo desconhecendo presencialmente o Aglomerado, pude visualizá-lo por recursos *online*, antes das minhas primeiras incursões presenciais à região. Para além de mapas disponibilizados na rede é possível com o *Google Street View* experimentar visitas a determinados lugares da Serra. Todavia, a partir desse exercício é possível perceber algumas invisibilidades dessa região periférica nos mapas digitais. Nem todos os becos e vielas estão identificados ou podem ser percebidos tanto nos mapas quanto no recurso que proporciona as vistas panorâmicas. A situação faz emergir ponderações sobre as desigualdades nas cartografias digitais das cidades. Em 2011, o *Google* confirmou que modificaria seus mapas do Rio de Janeiro visto que havia uma “valorização” das favelas em detrimento a outros espaços da cidade. A própria Prefeitura já havia reivindicado tais alterações. Com isso, como numa

remoção virtual das favelas a medida buscou dar destaque aos bairros e pontos turísticos³.

Imagem n°2: Mapas do Aglomerado da Serra



Fonte: Google Maps (2012)

No ciberespaço segui fóruns de discussão, grupos, redes sociais digitais e plataformas que faziam menção ao Aglomerado da Serra⁴. Avaliei que não haveria maneira mais pertinente de (re)conhecer sujeitos para a pesquisa do que pela própria internet. No *Facebook* busquei o termo “Aglomerado da Serra” e encontrei dois grupos *Moro no Aglomerado da Serra* e *Amigos do Planeta Aglomerado da Serra*. Pedi para ser adicionada aos grupos e passei a acompanhá-los. Os grupos funcionam como espaço de divulgação de diversas atividades, debate de assuntos variados e de encontro dos

³ <http://oglobo.globo.com/rio/google-modificara-seus-mapas-sobre-rio-2791639>

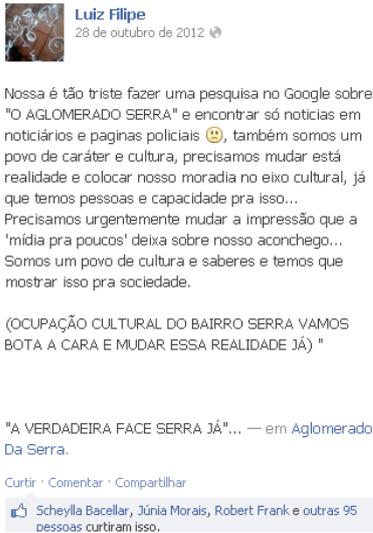
⁴ Fiz buscas pelas redes sociais digitais *Orkut*, *Youtube* e *Facebook*. Além disso, encontrei blogs e sites sobre o Aglomerado. Nesse sentido, se há uma maior exposição de vivências dos jovens no *Facebook* é porque essa tem sido a plataforma mais utilizada por eles.

moradores. Nesses espaços encontrei meus interlocutores para a pesquisa. Segui os rastros (Latour, 2010) de alguns jovens na internet, no *Facebook*, sobretudo.

Oito vilas formam o Aglomerado da Serra reunindo 38.200 moradores, segundo o Censo 2010 do IBGE. O Aglomerado é classificado como um *complexo* que abriga as vilas: Nossa Senhora de Fátima, Marçola, Cafezal, Novo São Lucas, Nossa Senhora de Fátima, Fazendinha, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Aparecida. Interessante perceber que em um rápida busca pelo termo “Aglomerado da Serra” no *Google* os resultados mais comuns são notícias de portais *online* de jornais de grande circulação sobre situações de violência nas vilas e favelas que compõem a Serra. Encontrei Luiz, um dos participantes da pesquisa, justamente em função de uma postagem no *Facebook*, bastante curtida e compartilhada, em que ele expressava a verificação e a indignação pelas imagens negativas tão recorrentes também na mídia digital. Ele diz:

“Aí de uma pesquisa que eu fiz da Serra, de curiosidade, eu descobri que você só encontra notícia de guerra, notícia de criminalidade, notícia de confronto policial, foram esse embates em tudo quanto é lugar. Aí eu peguei uma foto e escrevi uma carta aberta. Aquele texto lá. Falando da minha indignação e postei (...). Então tomei como rumo de fazer uma ocupação na Serra inteira, pra poder mudar essa visão que a mídia deixa da Serra. Porque lá tem muita, mais muita gente do eixo cultural daqui de Belo Horizonte, ou do lado de fora também né. Fora de BH tem muita gente. E ... eles não mostram esse tipo de coisa que tem lá dentro. Aí a minha intenção é mudar essa visão que as mídias deixaram do Aglomerado (...) Eles perguntam primeiro da favela, pra depois perguntar do bairro. E a favela ficou com esse olhar de criminalidade e de estagnação social né. Acha que lá não tem desenvolvimento, que lá não tem nada. Só que é totalmente ao contrário. Nas comunidades, tanto na Serra, quanto em qualquer outro tipo de favela são os poucos locais que se mantêm a questão do conhecer o vizinho, de brincar na rua. Convívio social, pessoal mesmo. Porque hoje em dia se você vai olhar aqui nos prédios aqui nos bairros, todo mundo passa por todo mundo. Mal mal você conhece seu vizinho da frente. Seus filhos não brincam na rua que nem você brincava antigamente. E nas favelas são um dos últimos lugares que você ainda encontra isso. Menino na rua brincando. Todo mundo conhece todo mundo. Sem chance de se perder.”

Imagem nº3: Postagem do Facebook



Fonte: Postagem de Luiz no Facebook (2012)

A constatação também motivou o jovem a construir uma página no Facebook “*Sou Agglomerado da Serra*” onde, constantemente, posta fotografias do Agglomerado, divulga eventos, compartilha informações. O próprio título da página evidencia uma forte identidade individual com o lugar. Convém compreender essa prática como possibilidade de enunciação da cidade, apropriação e resignificação de um espaço a partir da exposição de narrativas digitais que expressam imaginários que o território arrebata. Uma transmissão do vivido e das relações afetivas que aquele espaço possibilita. Imagens que ultrapassam a ideia de um tecido urbano impessoal marcado pela individualidade, racionalidade, da solidão ou do sentimento *blasé* estimulados pelas metrópoles (Simmel, 1973).

Imagem nº4: Postagem do Facebook



Fonte: Página “Sou Agglomerado da Serra” no Facebook (2012)

Outros/as jovens do Agglomerado, além de curtirem e compartilharem os conteúdos da página, também expressam em seus perfis pessoais vivências no território de moradia. São variadas as publicações virtuais, que serão expostas a seguir, que parecem evidenciar uma discursividade urbana, “*vivências significativas que são transmitidas, compartilhadas e sobretudo vividas, enquanto constitutivas de elos sociais.*” (Pais, 2010: 68).

Imagem nº5: Favela



Fonte: Perfil pessoal de Scheylla no Facebook

Cabe destacar como muitos trabalhos de pesquisa com grupos juvenis apresentam o espaço público como uma dimensão socializadora para jovens. Nas cidades e nas ruas se extrapolam as figurações das relações dadas exclusivamente no abrigo do parentesco e da família. Podemos apontar estudos das dinâmicas socioculturais das cidades realizados pela Escola de

Chicago a partir dos anos 1920. Por exemplo, W. Foote Whyte (2005)[1943] em *Sociedade de Esquina*, apresenta as figurações de grupos juvenis que cresceram nas esquinas de Cornerville. O espaço é condição fundante e intrínseca das relações entre aqueles rapazes. Estudos da sociologia da juventude no Brasil também mostram como os jovens se apropriam das ruas, combinando encontros, circulando em grupos, conversando (Sposito, 1993). Ao mesmo tempo, o espaço público é local de visibilidade, servindo como palco para que eventualmente apresentem suas produções artísticas.

A rua se estende na rede. E através de imagens, vídeos, textos, jovens do Aglomerado contam sobre o lugar de moradia na web. Danças nos becos, grafites e pichações pelas vielas, vozes que expressam e alimentam um sentimento de pertencimento através de projeções midiáticas⁵. Constantemente, vejo postagens que explicitam o *pedaço*⁶ como referência de identificação digital (Magnani, 1998). Há uma intensa marca do território periférico de moradia nas subjetividades juvenis, como a canção “Amoravila”, disponibilizada no *SoudCloud*⁷, do jovem *rapper* morador do Aglomerado, Douglas Din.

Amo, alvenaria, telha de zinco
Chamo de união, um quarto pra cinco (...)
Mas amo esse lugar, a rua ritmo me viu
Abraçar meu talento igual rabiola no fio.
Amor, adoro esse lugar.
Ei, ei, respeito pra chegar.
Nego, lá é uma maravilha.
Nega, maravilha ser de lá (...)
Pois com humildade se constrói... “Um bom
lugar...”
O que? Ésquece.
“Só quem é de lá sabe o que acontece.”
<https://soundcloud.com/douglasdinoficial/douglas-din-amoravila-prod-s>

5 Há um belíssimo vídeo intitulado “Serra” em que três jovens da *Cia. Fusion de Danças Urbanas*, moradores da Serra, dançam por espaços do Aglomerado. Uma produção artística que aborda relações entre cotidiano, arte, dança e cultura urbana. Disponível em https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=S8cMoY6M100

6 A categoria *pedaço* é reconhecida entre pesquisados de José Guilherme Magnani. A categoria nativa portanto é também uma categoria analítica e “supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles” (MAGNANI, 2002, p.20)

7 Plataforma online de publicação de áudios, muito utilizada por músicos de diferentes países.

Representação que se destaca também nas elaborações estéticas e musicais de sujeitos que estão dentro da periferia e que a singularizam (Frúgoli, 2005)⁸. *Periferia* não é necessariamente um estigma, *periferia* é uma categoria bastante elástica (Guasco, 2001). Convém perceber como algumas pesquisas reconhecem entre diversos sujeitos um tipo de discurso que reifica a concepção de “favela” ou “periferia” como área segregada e permeada por comportamentos distintos dos habitantes do restante da cidade.

“Em termos mais antropológicos, porém, aconteceu com o conceito de periferia o mesmo que aconteceu com o conceito de cultura, conforme escreveu Sahllins no artigo *‘O pensamento sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em vias de extinção. Segundo esse autor, no momento em que a noção de cultura é problematizada pelos antropólogos, ela é assumida pelos atores sociais; pois bem, o mesmo ocorreu com a noção de periferia. Quando deixa de ser uma categoria operativa em termos de dicotomia espacial (pois há condomínios de luxo em bairros afastados, assim como a presença de pobres e moradias precárias em regiões centrais), ela é assumida, por exemplo, no discurso dos rappers, com uma conotação positiva, enfatizando não já a carência, mas o pertencimento.*” (Magnani, 2006: 38,39)

Vivências online que expressam possibilidades de discorrer sobre o território de moradia, explicitando os estigmas, as desigualdades, as violências frequentes, mas também solidariedade e afeição. É de Luiz a montagem a seguir, em um formato muito comum nas redes sociais digitais de mostrar uma mesma questão sob diferentes pontos de vista. As relações entre as representações sobre o Aglomerado da Serra, construídas por quem está “dentro ou fora” evidenciam também que *“as territorialidades da cidade espelham estruturas sociais atravessadas por clivagens de classe”* (Pais,

8 “Outro dado mais recente, no caso de São Paulo, refere-se aos movimentos culturais realizados por grupos juvenis ligados ao *hip hop*, que vêm redimensionando tanto suas identidades étnicas quanto as representações sobre o próprio contexto onde vivem. Estas podem, a princípio, ser entendidas, do ponto de vista antropológico, como versões particulares de categorias nativas que, uma vez refeitas esteticamente e divulgadas por meio da música, vêm ampliando certas narrativas a respeito da periferia (Guasco, 2001), o que constitui um novo campo para abordagens, **exigindo, ao mesmo tempo, distanciamento de um certo fascínio que provocam.**” (Frugoli, p. 145) [grifos meus]

2010: 56). A elasticidade da Internet parece apropriada para acentuar as contradições da nossa sociedade. Como aponta Castells, a web não é uma utopia ou distopia, mas um meio de nos expressarmos através de certos códigos de comunicação (2013: 21).

Imagem n°5: Aglomerado da Serra

**COMO ELES
VEEM DE LONGE**



**O QUE ELES
MOSTRAM**



**COMO EU VEJO
ELES DAQUI**



**COMO
REALMENTE É**



Fonte: Postagem de Luiz no Facebook (2012)

Desde quando ainda não havia estabelecido contato com outra jovem, me surpreendia ao ver como suas postagens estavam muito comprometidas com o território de moradia. A vivência *online* de Scheylla é marcada pelo seu pertencimento e identidade territorial. A maior quantidade de imagens dos seus álbuns no Facebook é do Aglomerado da Serra. Variadas fotografias do alto da Vila Marçola e sua vista para a cidade. Pôr do sol, entardecer, lua cheia. Cidade emoldurada pelo olhar de uma jovem moradora do morro que disponibilizava sua produção pela sua página na rede. Em diferentes ângulos, as cores e nuances das ruas, becos e barracos são revelados. Com frequência ela anuncia seu pertencimento ao morro. Constantemente, replica e problematiza matérias da mídia tradicional que tematizam o Aglomerado da Serra.

Na perspectiva de distinguir e caracterizar ambientes com distintas lógicas de interação, Deleuze e Guattari (1997) diferenciam os *espaços lisos* e os *espaços estriados*. Assim como variados espaços territoriais são reinventados pelos jovens na cidade, pode-se imaginar que a internet e suas inúmeras possibilidades de reconfiguração nos leva a estabelecer outras formas de sociabilidade, um espaço liso de expressividades juvenis que "(...) abre-se aos caos, aos nomadismo, ao devir, ao performativo. É um espaço de patchwork: de novas sensibilidades e realidades." (Pais, 2006: 7)

Há em comum na produção digital desses jovens do Aglomerado da Serra um tipo de narrativa com marcas afetivas, consolidadas na solidariedade entre a vizinhança, fortes relações de amizade e que reafirmam um caráter admirável à região de moradia. O Aglomerado da Serra não é apenas uma referência espacial, ou espaço funcional de residência ou de socialização, mas categoria social e simbólica, principalmente. (Dayrell, 2005). É manifesto no discurso oral e digital que para Scheylla o lugar em que vive é espaço de afeto.

Você vai postar aquilo que te faz bem. Aquilo que... ó, o que te faz bem, o que te incomoda. Acho que esses dois termos, assim. Né. E eu acho que tem muita coisa aqui nessa Serrinha que poucos conhecem, sabe. E, sei lá, assim. As vezes a gente fala: "nó, que ruim crescer", mas ao mesmo tempo, que bom crescer também, sabe. Porque há um tempo atrás você ficava falando: "ah, não quero morar na favela mais não. Pô véi, aqui só da briga. Um mata o outro". Você fica com essa visão, né. Se você não é uma pessoa, no caso, que convive com esse, vamos falar, nessa sociedade tanto rico, quanto pobre, quanto negro, quanto branco, que é todo mundo do mesmo jeito, que a gente tenta... a gente que diferencia. Aí a gente, tipo, começa a criticar algumas coisas, sabe. Mas aí a gente, tipo assim, igual eu. Eu cresci tipo correndo atrás mesmo de informação. De querer saber mesmo. E até hoje também tô aí na correria pra querer saber milhões de coisas, entendeu. E hoje, tipo assim, o que eu fiz, na vida, que seja, assim, me deu uma abertura de conhecer a Serra que eu acho que todas as pessoas deveriam conhecer, sabe. É.. Tem violência sim. Com outros olhares, tem. Então não vão frisar que só favela tem, sacou. Vão frisar que o mundo tem, sabe. E que, tipo assim, só aqui que tem a fama do olhar das pessoas pra favela, coisa que é muito preconceituosa, assim. Então eu acho que, a favela, quando você tá dentro, quando você vê uma coisa, quando você começa a criticar o porquê, você vê um imaginário que ninguém vai ver, sacou.

Ela também destaca em sua fala a chance de expressar nas redes digitais opiniões que podem ser acessadas por sujeitos que vivem em uma mesma cidade, mas, desconhecem as particularidades da periferia. A jovem constrói um olhar sobre as intercessões entre os espaços urbanos e espaços virtuais e problematiza que em alguma medida os usos da internet podem explicitar representações, reforçar e (re)criar identidades, inclusive territoriais.

Expor a minha realidade é uma outra coisa importante, sabe. É... E a minha relação com a internet é poder divulgar. Eu acho que ali é um espaço que você pode divulgar, exemplo, o seu trabalho, em primeiro lugar. Em segundo lugar, né, essas questões que a gente vem... vem acontecendo, sabe, em relação de direito. E também poder dizer de uma realidade que poucos conhecem, assim, da periferia, da favela. No sentido do... A mídia é uma coisa muito doida né? Mesmo sabendo que a mídia, pra mim, também é a internet. Então, a mídia ela, tem capacidade de transformar muito a mente do outro. E se o outro não procurar a informação, independente da mídia, aquilo que a mídia tá passando vai ser o que ele vai achar que é correto. "Eu acho isso porque eu ouvi da mídia. Então eu concordo com isso". Então, o meio de acesso é dizer que nem tudo que você vê é, né. Então é... Dessa visibilidade mesmo. Essa comunicação. De um olhar diferente, sabe. E aí eu acho que hoje... E também eu acho que é um lugar que você acessa várias pessoas que você não consegue acessar de outra forma.

Imagem nº5: Foto do Aglomerado da Serra



Postagem de Scheylla no Facebook com a descrição: "A favela sempre será o berço... Sou sim marginal só q da cultura e dos movimentos..."

Pesquisas como as de Pedro Guasco (2001) e Juarez Dayrell (2005) com *rappers*, em São Paulo e Belo Horizonte, mostram como as ideias nativas de *periferia* e *favela* são fundamentais na construção de identidades juvenis. Imagens contrastivas do bairro de moradia como espaço de solidariedade, apesar da precariedade de infraestrutura urbana local em comparação aos *centros*. Nomeações que funcionam, principalmente, como categoria social que dão visibilidade aos territórios tanto pelo tom de denúncia da violência e pobreza resultantes de processos desiguais na cidade, como pelas marcas das amizades e cumplicidade comunitária. Narrativas

também muito comuns entre jovens do Aglomerado pesquisados na internet que contrapõem um olhar das diferenças entre *morro* e bairros.

Mesmo que eu posta toda das fotos do céu azul, mas as vezes não quero mostrar o céu azul. Quero mostrar uma outra coisa, sabe. E aí esses dias eu tava me questionando. Falei: "ó que doido, eu tenho uma visão da Serra só da minha casa pros prédios. Eu não tenho uma visão assim, de lá pra Serra, dentro da favela". Aí eu disse: "Não, não quero isso mais não. Quero uma visão de lá pro morro", né. Tanto que eu tirei uma foto só do morro, assim. Porque aí... que eu achei importante questionar. E aí quer dizer assim: "Pô, então Belo Horizonte vai virar o que? Só prédio? Porra. Nós tão fudido então", sacou. Que olha pra você ver, as luzinhas tudo. Casinha. Pequeninha. Você vê ali ó, pra frente, parece que é um, como é que fala... que é um quadro. Esse predinho parece um quadro assim ó. Aqui não ó. Aqui faz um lugar, vira, volta. Da pra criar altas coisas aqui.

Imagem nº6: Fotos do Aglomerado da Serra



Fonte: Diferentes postagens do Facebook (2012, 2013)

Configurações de centro e periferia sempre dependem do estabelecimento de alguma perspectiva e estão sujeitas a substantivações de diversas ordens. Afinal, “há centros que são margens e margens que são centros” (Lopes, 2000). As narrativas digitais estão marcadas por leituras da realidade social tendo em vista as relações de desigualdade política, econômica e social na cidade. É preciso reconhecer tal oposição entre centro e periferia perfilhada, ainda, na nomeação *quebrada* comumente usada para denominar o Aglomerado ou o local mais específico onde moram na região. Problematizar o uso das noções *periferia/favela/morro* também no contexto digital pode possibilitar a apreensão de representações sobre o Aglomerado da Serra. O exercício de acompanhar o debate travado em plataformas e redes virtuais revela um mosaico de imagens sobre esse território. Ao buscar modulações da temática *periferia/centro* na internet, a partir desses jovens, fica evidente como o ciberespaço é de fato territorializado e fragmentado em diferentes espaços figurados.

“O Ciberespaço, da mesma forma que o ‘espaço’ social, longe de ser um contínuo homogêneo, é territorializado e fragmentado em diferentes espaços simbólicos, constituídos e operacionalizados pelas práticas de sociabilidade que ocorrem em seu interior. Estas práticas constituem culturas locais, específicas e eminentemente heterogêneas, cuja interpretação e mapeamento é uma tarefa ainda incipiente a ser realizada pela Antropologia” (Guimaraes Jr. 1999: 2)

A perspectiva analítica da *exclusão/inclusão* que tantas vezes referencia compreensões sobre a *periferia* parece operar também no universo *online*. “*Maldita inclusão digital*” é o título de algumas comunidades no *Orkut* e *Facebook* que de maneira geral compreendem e associam a popularização da internet a um empobrecimento da rede. Ou seja, o uso cada vez mais maciço de usuários descaracterizaria o ambiente, o transformado em um espaço com menor prestígio em função do que alguns identificam como *analfabetismo digital*. A título de exemplo, parte da descrição da comunidade “Malditas lan houses”: “(...)foi só surgir as Malditas Lan Houses pra começar o desgosto! *Orkut* e *MSN* foram invadidos e transformados em verdadeiras FAVELAS!”

Levantar mapeamentos de declarações e manifestos dos territórios na web pode contribuir na percepção de “maneiras de fazer” a cidade metafórica (Certeau, 1994). Observar tais postagens me conduziu a uma percepção de construções territorializadas no interior da internet (Castells, 2004). Embora a ausência de limitações geográficas explícitas, o *global* na web não faz desaparecer referências da dimensão das vivências

locais, podendo às vezes contribuir ainda mais para o reforço de interações locais.

Referências Bibliográficas:

- Augé, M (1994). Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus.
- Bauman, Z. (2001). Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Caldeira, T. (1984). *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo, Brasiliense.
- Castells, M. (2013) *O poder da comunicação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____. (2004) *A galáxia internet: reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Certeau, M. (1994) *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Dayrell, J. (2005) *O rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Deleuze, G. & Guattari. (1997) *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Footo Whyte, W. (2005) *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Frúgoli Jr, H. (2007) *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (2005) “O Urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia” In: *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP. Vol. 48, nº 1. pp 133-165
- GUASCO, P. (2001) *Num país chamado periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo*. Dissertação (Mestrado)-Departamento de Antropologia, FFLCH/USP-USP, São Paulo.
- Guimaraes Jr., M (1999). *Sociabilidade no Ciberespaço: Distinção entre Plataformas e Ambientes* <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/plat_amb.html (acedido a 10 de março de 2013)
- _____. *De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line*. Horiz. antropol. [online]. jan./jun. 2004, vol.10, no.21,p.123-154. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832004000100006&script=sci_arttext (acedido a 10 de março de 2013)
- _____. *O Ciberespaço como Cenário para as Ciências Sociais*. 1999 Trabalho apresentado no Grupo Temático “A sociedade da informação e a transformação da sociologia” do IX Congresso Brasileiro de Sociologia, Porto Alegre. http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html (acedido a 10 de março de 2013)
- Lefebvre, H. (2001) *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

Lemos A.(org.). Cibercidade: as cidades na cibercultura. Editora e-papers, Rio de Janeiro, 2004, pp. 19-26.

Lopes, J. (2000) *A cidade e a cultura Um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Porto: Edições Afrontamento

Magnani, J. (1998). *Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Brasiliense..

_____. (2006) Trajetos e trajetórias: uma perspectiva da antropologia urbana. In: Sexta-Feira, nº 8, São Paulo, Editora 34.

Pais, J. (2010). *Lufa-Lufa Quotidiana Ensaio sobre cidade, cultura e vida urbana*. Lisboa: ICS.

Sposito, M. (1993) A sociabilidade juvenil e a rua; novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social*. Revista Sociologia da USP. São Paulo, v.5 n. 1 e 2, p.161-178.

Simmel, G. (1973) A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, Otávio (Org.). *O Fenômeno Urbano*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973, pp. 11-25.